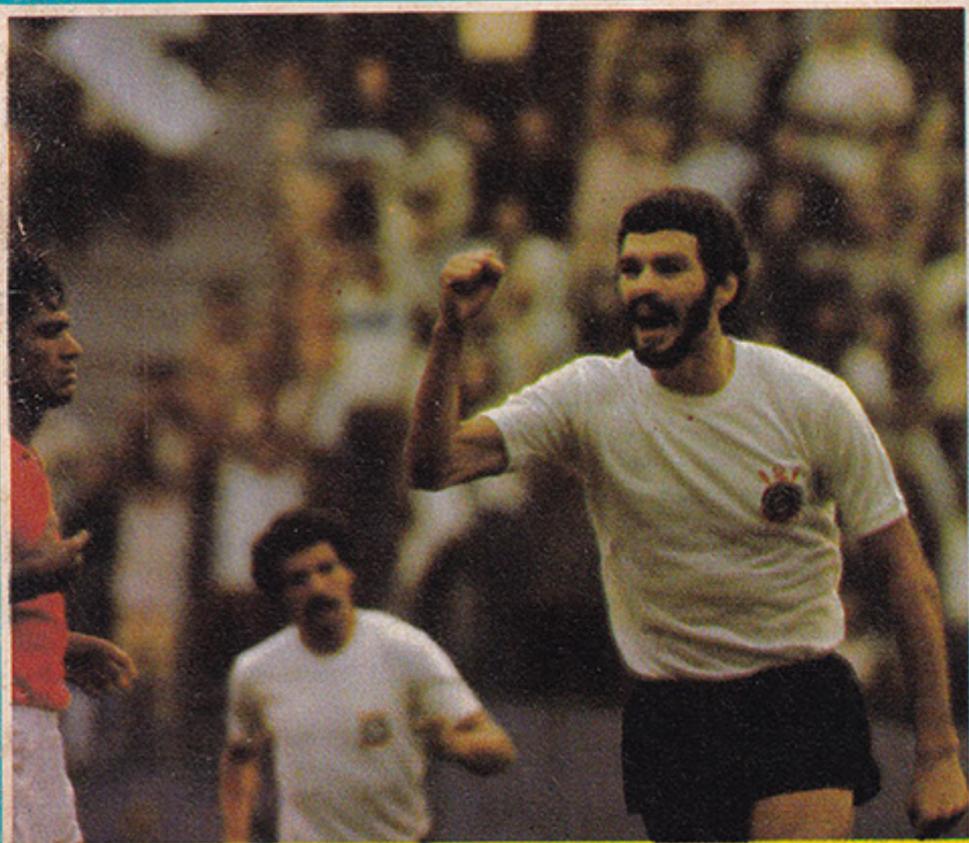


PLACAR

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL • N.º 539

29/AGOSTO/1980 • Cr\$ 60

EDITORA
ABRIL
10
ANOS



**DOUTOR FANTÁSTICO
VOLTOU!**



**Renato
O GÊNIO
DO MORUMBI**



**Marolla
ENFIM,
O SUCESSOR DO
GRANDE GILMAR**

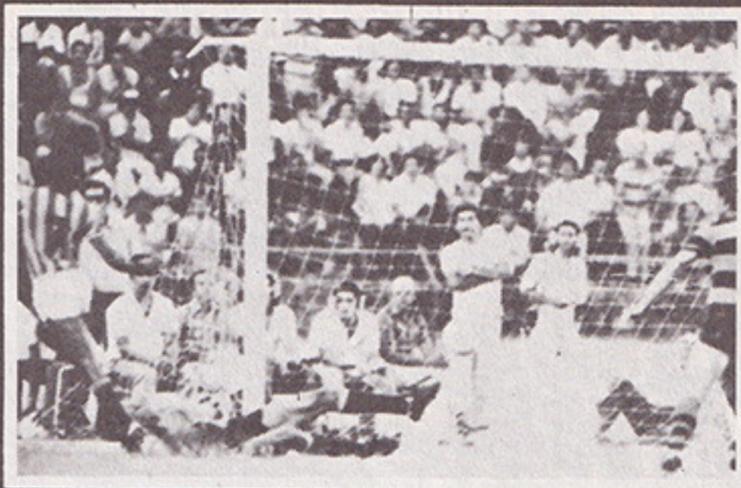
**COLORADO
FEZ A
FESTA EM
LONDRINA**

ESPECIAL
TABELA DA
FASE FINAL DO
PARANÁ

GRÁTIS PLACARBOL O JOGUINHO
QUE VAI FAZER SUA CABEÇA!



São Paulo 1 x 0 Noroeste — Zé Sérgio, infernal, faz o gol da vitória. O tricolor sou, mas mereceu. Fotos Lemyr Martins



Sport 0 x 4 Náutico — Mário recebe na área e dá um toque para Reinaldo fuzilar. Era o segundo gol do Náutico. Fotos Manoel Novaes



Sport 0 x 4 Náutico — Marquinhos cobra escanteio de esquerda, Reinaldo sobe de cabeça para fazer o terceiro. Fotos Manoel Novaes

Renato

Já na Seleção, ele ainda sonha em ganhar a torcida de sua terra

O FILHO DE MORUNGABA

Atrás do empolgante futebol de Renato — hoje a estrela do futebol paulista —, há um curioso mistério: por que quase ninguém torce por ele na pequena cidade que o viu nascer? ▶



Nesta quarta-feira, em Fortaleza, quando a Seleção Brasileira entrar em campo para enfrentar o Uruguai, um dos jogadores que irá vestir a camisa amarela, esquecendo-se por momentos dos aplausos que por certo toda a equipe receberá dos torcedores cearenses, voltará seus pensamentos, por alguns instantes, até uma remota cidade de 9 mil habitantes, situada a mais de 3 mil quilômetros dali. Embora tenha esperado angustiado pela hora de ser titular — sonho que se realiza graças à ausência de Zico —, Renato sabe que será inevitável que as imagens da pequena Morungaba lhe venham à cabeça.

Lá, tão longe, na região de Campinas, as transmissões de rádio e televisão, como sempre, chegarão com problemas e interferências. Mas, sem ligar para isso, a cidade inteira estará grudada nos aparelhos, torcendo pelo mais ilustre e famoso filho da terra.

Não haveria nada de extraordinário nesse fato, bastante comum na carreira de qualquer jogador de sucesso, não fosse inédito na vida de Carlos Renato Frederico, 23 anos, nascido, criado e irremediavelmente enraizado em Morungaba.

Seu defeito: ainda não sabe chutar bem

Quem a visita, viajando 110 km a partir de São Paulo, acaba decepcionado se imagina encontrar, em meio a umas poucas ruas desertas, a igreja recém-pintada de amarelo e um posto de gasolina quase sem movimento, a sede do fã-club de Renato.

A expectativa, porém, é compreensível. Em parte por suas últimas grandes atuações, em parte por seu inegável talento, em parte pela ótima fase do São Paulo, o jovem meia-direita Renato tornou-se a principal estrela desta temporada paulista — beneficiando-se com o eclipse circunstancial do antes inalcançável Sócrates. É hoje, mesmo ainda finalizando mal, provavelmente o jogador que as torcidas adversárias mais temem e respeitam.

Além disso, por que Morungaba não haveria de venerar sua solitária celebridade? Não existe sequer um morador que não o conheça ou ignore que sua mãe pertence a uma tradicionalíssima família local, os Frare, dos quais fazem parte o prefeito, o ex-prefeito, o primo que dá nome ao estádio e o dono da farmácia.

Terceiro dos cinco filhos varões de



Do álbum: com 1 ano...



FOTOS ABRIL

...na primeira comunhão...



...e terminando o primário, sempre em Morungaba.

José Frederico, um ex-lavrador e expedreiro que há 20 anos é o dono da Panificadora Santana, que funciona nos fundos da Matriz, Renato deveria merecer o reconhecimento de seus conterrâneos.

Em 1973, o Palmeiras resolveu dispensá-lo

E não faltariam outros motivos. Dois anos atrás, casou-se com Tida, sua única namorada, que morava numa ladeira em frente à panificadora de seu pai, perto da casa de sua avó materna e da casa de uma de suas tias. Ao sagrar-se campeão brasileiro pelo Guarani, em 1978, bem como ao se transferir para o São Paulo, em janeiro último (o passe custou 11 milhões de cruzeiros, quantia na ocasião considerada muito alta e que agora, re-

fleto da inflação e do futebol que ele está jogando, serviria apenas como entrada para sua eventual venda), investiu em terrenos nas redondezas.

Mas, curioso fenômeno que nenhum morador consegue explicar, Morungaba é antes de tudo um feudo de fanáticos e apaixonados palmeirenses.

— O Renato vai fazer seu golzinho — disseram muitas pessoas para dona Maria Rosa, sua mãe, no dia em que o Guarani decidiu o título de 78 com o Palmeiras. — Depois, nós faremos dois.

Em Morungaba, não há quem se conforme: como é que, em 73, não lhe deram nenhuma atenção quando ele foi treinar no Parque Antártica?

O Guarani tinha melhores observadores no juvenil e Renato terminou se revelando em Campinas. Menos mal que a camisa era verde. A ida para o São Pau-



Com Tida, sua mulher, nas ladeiras da pequena cidade natal.

lo, no entanto, complicou tudo. Aos poucos, ele foi perdendo torcedores, inclusive no círculo familiar.

— Para ser sincero — confessa Renato num momento de extrema franqueza —, até eu era palmeirense.

Evidentemente, ao se profissionalizar, ele deixou tal preferência de lado. Já não é menos são-paulino do que qualquer de seus companheiros de time.

Entregava pão, agora empina seu papagaio

No fundo, contudo, Renato sente por não ser um ídolo no seu próprio chão. A vida inteira ligado aos pais, aos quais ajudava entregando pão de casa em casa, aos irmãos, aos amigos de rua, aos colegas do grupo escolar, enfim, à sua Morungaba, ele jamais se libertou das

origens. Se tem folga no São Paulo, não fica no apartamento de três quartos que decidiu alugar por 14 200 cruzeiros mensais perto do clube — para permanecer na região do Morumbi e poder morar ao lado de uma prima da mulher, o que diminui sua insegurança de forasteiro.

Pega então o carro, Tida e Karina, a filha de três meses do casal, e segue para Morungaba. A rigor, ele só conhece esses dois caminhos: o do estádio e o da sua cidade.

— Eu me perco da ponte pra lá — diz com um sorriso, oito meses depois de se mudar, referindo-se à ponte sobre o rio Pinheiros, obstáculo que, transposto, poderia levá-lo ao resto da capital.

Apesar de desejar, tanto quanto a mulher, ir fazer compras nas lojas elegantes dos shoppings centers da zona sul, fre-

qüentar os cinemas da avenida Paulista — eles que em Campinas assistiam a um ou dois filmes por semana — ou comer em alguns dos inúmeros restaurantes que São Paulo oferece à sua classe média, sua rotina não muda. Se não está a serviço do clube — treinando, jogando, concentrando, viajando —, está em Morungaba.

Tímido, introvertido, encabulado, às vezes arredo, ele mal e mal visita os parentes. Prefere ficar sozinho, descansar, brincar com a filha e, nestes dias de agosto de vento forte, empinar papagaios. Assim, com frequência, sua presença em Morungaba passa despercebida.

Ele não percebeu que se tornou um ídolo

Em São Paulo, como não vai a lugar nenhum, dificilmente alguém o vê na rua ou num lugar público, salvo no Morumbi. Abriu uma exceção, meses atrás, ao passar com Serginho e Zé Sérgio na sede da Federação Paulista de Futebol. Ele foi apanhar uma passagem aérea, pois no dia seguinte deveria se apresentar à Seleção Brasileira, no Rio de Janeiro. Detestou a experiência: o presidente da Federação, Nabi Abi Chedid, fez questão de levá-lo ao seu luxuoso gabinete revestido de lambris, e Renato ficou pouco à vontade nesse ambiente de cartolas, tapinhas nas costas, elogios e rapapés.

Não nasceu para isso. As atenções que recebeu naquela tarde mostraram-lhe afinal um mundo bem diferente de Morungaba. E Renato, decorridas várias semanas do episódio, continua sem ter a consciência exata de que está ascendendo à condição de ídolo popular. Não em Morungaba, mas em São Paulo — que é, literalmente, mil vezes maior.

— Será? — ele se espanta com a observação. — Acho que não, viu? As pessoas não me reconhecem na rua, não.

Distraído, nunca leu nos jornais que recebeu em vários jogos nota 10 por suas magníficas atuações. Desatento, não percebeu que na semana seguinte à goleada de 4 a 0 contra o Corinthians foi o personagem mais comentado da cidade.

Compreende-se. Suas ambições são bem menores: os aplausos de Morungaba, que nesta quarta-feira, finalmente, torcerá pelo filho que cometeu o pecado de virar são-paulino.

LÁ VEM
O ESCANTEIO



IGNÁCIO FERREIRA



Advinhe quem está puxando quem?

RONALDO KOTSCHO



HIPOLITO PEREIRA

Pobre Colonese: não achou bola e ainda levou uma bolachada de Pita.

O beque, firme na chave de braço.

É escanteio. Se segura, galera: tudo pode acontecer neste lance

A CATIMBA ENTRA NA ÁREA

Empurra daqui, puxa de lá, o bolo de jogadores se move na área, aguardando a cobrança do escanteio. A defesa, apavorada, tenta se prevenir contra os truques do inimigo. O juiz, tenso, finge que nada vê. Agora vale tudo.



FLÁVIO CANALONGA

No ar, todo mundo de olho fechado.



FLÁVIO CANALONGA

“Olhai, seu juiz, isso é pênalti.”



MANOEL MOTTA

Jairo grandão veio com tudo, Mauro não teve dúvida: saiu de baixo.

de pura malandragem. Bola é o que menos interessa

É um deus-nos-acuda: a bola sendo ajeitada ali junto à bandeirinha, um bando de jogadores se estranhando na área, o juiz observando de longe e fingindo que nada vê. Vai ser cobrado o escanteio. Em fração de segundo, tempo hábil para que a bola viaje até a área, tudo acontece. Serginho, o do São Paulo, certamente estará passando a mão no traseiro de um beque inimigo, para irritá-lo e

facilitar sua vida de artilheiro. Em compensação, Mauro, o do Corinthians, poderá pisar firme no pé do centroavante, immobilizando-o. Os exemplos são incontáveis. Dadá Jacaré, o do Náutico, fez muitos gols na base do empurra-empurra dentro da área. Ele, que sabe subir e cabeceia de olho aberto, testava no canto e saía para o abraço. Aloísio, o do Santos, adora puxar calção

do zagueiro mais próximo. E no interior, onde o olho do juiz não é tão sagrado assim, atacante que se preze enche as mãos de areia. Quando a bola vem fechando na boca do gol, é só mirar nos olhos do pobre goleiro. Mas famosa, mesmo, foi a façanha do ponta Carreiro, nos idos de 40. O Fluminense tinha um córner a favor. Yustrich, que não era o temido Homão dos tempos de treinador, guardou posição

LÁ VEM O ESCANTEIO



Bumba-meu-boi: o atacante entra de ré, acoessando o goleiro Carlos.



JB SCALCO

Um olho na bola, outro no inimigo.



MANOEL MOTTA

RONALDO KOTSCHO

Abraço de tamanduá: é Miro olhando

“É a pior jogada para o goleiro”, diz Valdir Peres. “É o

junto ao segundo pau, ele que era goleiro do Flamengo. Sabido, Carreiro foi por trás e prendeu as fraldas da camisa de Yustrich num prego da trave. A bola veio, Yustrich tentou ir para o corte e não saiu do lugar. Final da história: Carreiro correndo rumo ao vestiário, perseguido pelo enfurecido goleiro. É isso aí. Catimba em escanteio é tão velha quanto o futebol. E, segundo

o juiz paulista Emídio Marques Mesquita, não há jeito de moralizar o baile. “Um árbitro”, diz Emídio, “pode até expulsar um jogador que empurra o adversário, mas jamais poderá marcar falta. A infração só vai se caracterizar quando o ponta bater o escanteio. Aí, sim, a bola estará em jogo. Antes, não.” Os atacantes, aliás, estão bem mais à vontade para cometer artes. Eles nada

têm a perder. No máximo, serão punidos com uma falta. O beque, ao contrário, deve ficar de olho principalmente no seu próprio gol. Se visar apenas o atacante, a bola poderá sobrar para um outro adversário. Se buscar a falta, poderá ser punido com um pênalti. Em compensação, o goleiro leva vantagem, de acordo com a regra 17: na pequena área, ele é intocável. Assim, caso falhe na jogada,



JOSÉ EUGÊNIO

Como no balé: tudo sincronizado.



MANOEL MOTTA

a bola e já encostando em Serginho.



MANOEL MOTTA

Marolla faz cara feia, sobe mais e estica o braço contra o perigo.

lance mais difícil para o árbitro", diz um juiz paulista

o goleiro pode simular uma obstrução do adversário para ganhar uma falta. É, enfim, uma guerra de malícia e inteligência. Getúlio, lateral do São Paulo, tem pavor do ponta Baroninho: "Ele sempre me puxa pela camisa, e nunca juiz algum marcou falta". O quarto-zagueiro Édson, do Palmeiras, diz que vale tudo: "Procuro não deixar que o atacante tenha espaço para a impulsão, nem que cabeceie

com total equilíbrio". O catimbeiro Serginho sorri: "Ah, em escanteio tudo pode acontecer. O juiz quase nunca vê o que se passa dentro da área. A gente empurra e é empurrado, puxa e é puxado. Mas não existe nada melhor que passar a mão na bunda do zagueiro: ele fica fora de si e, com isso, aproveito para fazer meus golzinhos". Emídio Mesquita, o juiz, concorda e afirma que essa é

a jogada mais difícil para qualquer arbitragem. A tal ponto que ele não se fixa na bola, deixando essa tarefa para o bandeira. Diz: "Eu fico atento à ação dos jogadores para poder ver a jogada". No íntimo, o juiz torce para que a bola saia logo da área. Afinal, se a catimba demorar demais, poderemos assistir a um conflito generalizado. E aí será um deus-nos-acuda. 

A ORDEM É BAIXAR O



RONALDO KOTSCHO

Aírton: "Jogador que usa de violência demonstra medo"

Futebol é jogo pra macho. Zagueiro que se preza não ganha Belfort Duarte. Da medalhinha pra baixo, vale tudo. Passa a bola, não passa o homem. Nos 10 minutos iniciais pode-se bater à vontade que juiz nenhum dá cartão.

Frases como estas fazem a apologia da violência no futebol. Da violência e dos violentos. Haverá sempre um pedestal, e um lugar no time, para o xerife. Haverá sempre uma auréola de herói para quem sangra por valentia, e para quem faz sangrar por covardia.

Zagueiro, então, não tem perdão: tem de bater até na mãe. Chega-se ao extremo de se colocar em dúvida o futebol

clássico de Amaral. Amaral é ruim, bom era o Fontana — deve pensar qualquer zagueirinho em início de carreira. A maioria dos principiantes já entra em

Fim de contrato: é preciso se garantir

campo e no adversário com a cabeça feita: bater é preciso, jogar não é preciso. Em muitos casos, inclusive, com instruções explícitas do técnico.

O futebol paulista está revelando uma linha de zaga que seria (e poderá ser) da melhor qualidade — se jogasse tudo que



LEMYR MARTINS

Márcio: "Antes que o atacante cresça pra cima de mim..."

sabe e batêsse apenas em último caso: César (Portuguesa), Márcio (Santos), Édson (Palmeiras) e Aírton (São Paulo).

Todos eles já tiveram oportunidade de mostrar que são bem dotados de recursos técnicos. E que, portanto, não precisam apelar. Mas de repente, sem motivo aparente, começaram a baixar o sarrafo. Por quê?

— A barra está pesada, o sangue anda fervendo fácil — se desculpa César. — Vou me casar em breve, o contrato está terminando, tenho me contundido seguidamente. Tudo isso tem me deixado de cabeça quente. Sem tranquilidade, eu apelo.

São quatro zagueiros que sabem muito de bola mas que, de repente, resolveram apelar para a violência. Ordens do técnico? Insegurança? Pura covardia?

PAU!



LEMYR MARTINS

Édson: "Fiquei marcado porque quebrei o Campos"

A insegurança do iniciante é uma das geradoras da tensão e da violência. Encarando cada atuação como um desafio, submetido continuamente ao julga-

Tem de chegar junto, determina o técnico

mento público, sem muitas certezas e com muitas ambições, o garoto se perde com facilidade. E, para se encontrar, entra pelo desvio fácil da violência, que não leva a nada. César reconhece:

— Não preciso bater tanto. Tenho bola para jogar limpo.

Aírton também admite sua culpa:

— Passei uma fase em que tudo dava errado. Então, apelava. O Carlos Alberto percebeu que eu não estava bem e me deu uma folga.

Sorte de Aírton, ter encontrado um técnico que se preocupasse em resolver o problema de sua agressividade exagerada. Outros técnicos preferem incentivá-la. É o caso de Osvaldo Brandão, citado por Zé Eduardo (*vide boxe*) e Silva:

— O seu Brandão dizia que tinha de entrar com tudo e que zagueiro não pode fazer firula.

A partir desse momento, Silva, que tinha pintado no Palmeiras como um jo-



LEMYR MARTINS

César: "Estou batendo, sim. Mas não devo, nem quero"

gador clássico e de boa técnica, passou a jogar mais na base do chutão para o alto e da porrada. Mas Brandão não é o único. Nem é só por conta das ordens dos

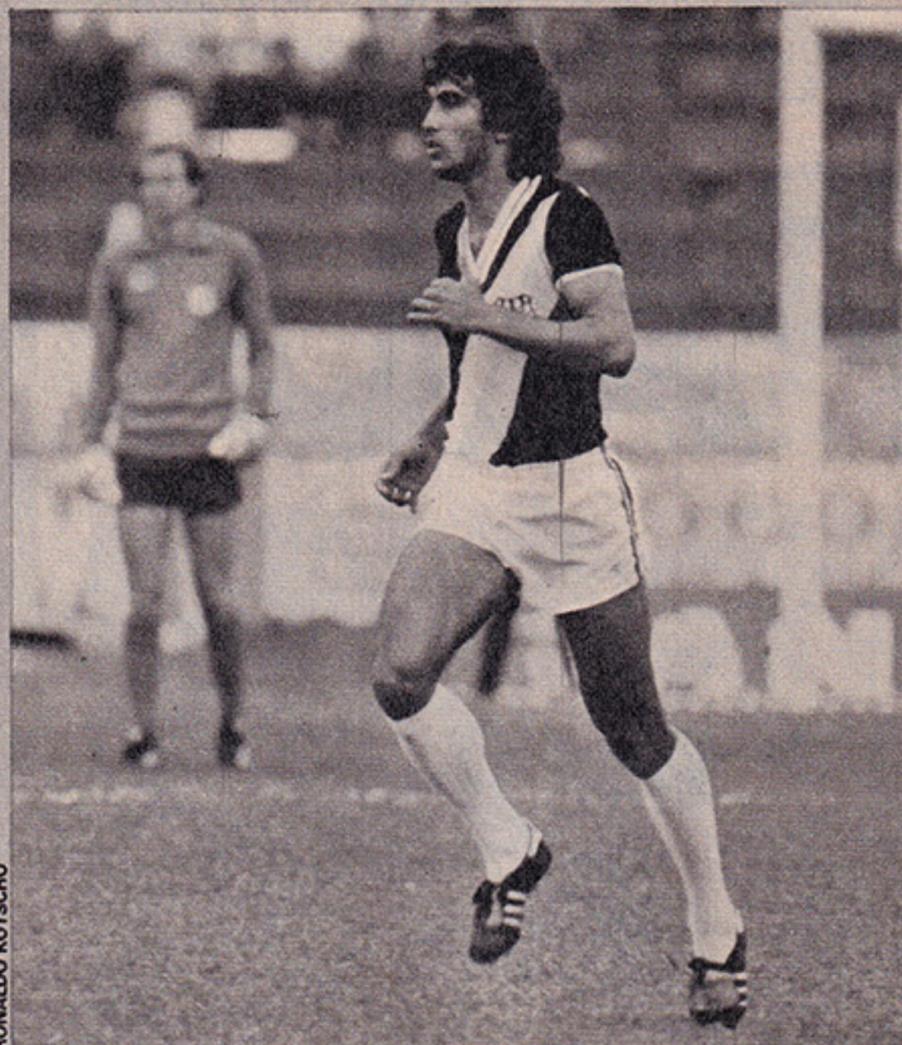
Dureza e violência: onde está o limite?

treinadores que a violência campeia entre os aprendizes de zagueiro:

— Sou um jogador em formação — diz Márcio, acrescentando um dado novo à discussão. — Estou em fase de amadurecimento e de definição do meu estilo. O zagueiro tem de ser duro e leal mas



IGNÁCIO FERREIRA



RONALDO KOTSCHO

Zé Eduardo virou cão-de-guarda, Juninho chegou à Seleção

Zé Eduardo, 26 anos, ex-quarto zagueiro do Corinthians, atualmente no Botafogo carioca, e Juninho, 22, zagueiro central da Ponte Preta, recentemente convocado para a Seleção, são dois exemplos de aprendizes de zagueirão violento. Um deu certo como xerife, outro deu certo como zagueiro.

Em 1976, ao chegar no Corinthians, o técnico Osvaldo Brandão recomendou a Zé Eduardo:

— Daqui para a frente, você vai dar porrada.

Eu Zé não hesitou em abandonar seu estilo clássico para se tornar o "rei da porrada".

— O Brandão pediu, eu o atendi. São contingências do futebol. Mas esclareça bem a diferença entre ser viril e ser desleal. Nunca machuquei ninguém.

Por esse motivo, Charles Borer o contratou para o Botafogo:

— O Zé Eduardo impõe respeito e vai sentar o pau aqui também.

Juninho teve sua primeira chance real na Ponte em 78, quando Oscar

foi para a Argentina com a Seleção:

— Me afobei. Queria resolver tudo sozinho e apelei para a força. Me dei mal.

Milton dos Santos, seu técnico na época, percebeu o drama e chamou-o para uma conversa.

— Ele me disse: se você jogar duro e honesto mata o adversário sem encostar nele. É verdade.

Há pouco tempo, Zé Eduardo estava na reserva do Corinthians. Juninho, em compensação, está na Seleção.

não pode ser violento. As duas coisas, apesar de muito diferentes, estão muito próximas.

Dois exemplos podem ser citados para ilustrar a tese de Márcio. Edinho, do Fluminense, um jogador que sabe ser técnico e dar porrada com igual eficiência (Márcio chega a comentar que toda vez que Edinho resolve amaciar, se complica). E Oscar, respeitado por todos e apontado como o exemplo de zagueiro duro e leal.

— É simples — resume Oscar. — Basta visar unicamente a bola.

Nem tão simples, como já concluiu Édson:

— Eu tenho fama e fiquei marcado porque, num choque comigo, o Campos quebrou a costela. Mas eu não tive culpa nenhuma.

O último homem fica sempre no dilema

Nem intenção, com certeza. Acontece que entrou no lance com tanta vontade de matar a jogada a qualquer preço, que acabou se excedendo.

— Zagueiro não pode vacilar. Ele é o último da defesa e tem de parar a jogada de qualquer jeito — rebate Márcio.

Verdade, mas não precisava exagerar. Existem mil maneiras de se interromper uma jogada. Desde aquela em que se emprega apenas recursos técnicos, até a que pode acabar com o adversário. E esta, realmente, não é a mais recomendável.

Enquanto César e Aírton admitem seus excessos e prometem reabilitação, Márcio e Édson procuram argumentos para se justificar. Ou para se defender. O importante, no entanto, é que eles se firmem como bons zagueiros. E não apenas como ferozes zagueiros.

Por MAURÍCIO CARDOSO/
MARCELO REZENDE

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAHA
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ